

## PALAVRAS INICIAIS

Dúvida, curiosidade, inquietação, busca, inquirição. Termos denotativos de certas características inatas ao gênero humano, que sempre as utilizou como combustível ao trilhar os longos, tortuosos e muitas vezes frustrantes caminhos condutores à obtenção do conhecimento. Uma dessas primeiras vias quicá tenha sido aberta pelos mitos<sup>1</sup>, cujas maiores riquezas são o conteúdo simbólico e as múltiplas interpretações da realidade, que permitem, ambas, infindáveis compreensões acerca dos fenômenos. Sem embargo, tais explicações são assistemáticas, carecem de racionalidade e, ademais, desejam englobar todos os fenômenos. Mesmo assim, não se pode minimizar a sua importância para o progresso da ciência, pois, sendo a razão (o *logos*) representada pelo discurso racional, lógico e objetivo do gênero humano, enquanto ser pensante acerca do mundo, o mito (a *doxa*), por seu turno, caracteriza o discurso subjetivo, singular e concreto de um ser que adere ao mundo, o percebe e o sente a partir da sua interioridade humana, de sua experiência individual.

Um bom exemplo está no mito cujo personagem central chama-se Argos Panoptes<sup>2</sup>, homem de muitos olhos, que olha em todas as direções, aquele que nunca dorme, o eterno vigilante. Esse mito, que inspirou o título dado ao presente opúsculo, nos alerta para o ato de *olhar*, como atividade que significa *mais que ver*. Lançar o olhar sobre algo supõe direcionar, consciente e intencionalmente, o ato de ver a um determinado foco. Quem olha vigia; presta atenção ao objeto do seu olhar. Aquele que olha pode fixar, de modo mais nítido, a imagem capturada pela visão, retendo-a no mundo subjetivo.

<sup>1</sup> Na obra de Lewis Spence, rotulada *Introducción a la mitología*. (Madri: M. E. Editores, 1997), os mitos são definidos como sendo "... intentos de explicar la relación del hombre con el universo, y tiene ... un valor predominantemente religioso" (pág. 12).

<sup>2</sup> Para maiores detalhes, consultar a obra *A vigilância de Argos*. Fortaleza: Coleção Alagadiço Novo, 2002 de autoria de J. A. E. Barreto & R. V. O. Moreira (Org.) que, em seu primeiro capítulo, detalha vasto cabedal de informações acerca do referido mito.



Argos Panoptes trás consigo as desejáveis capacidades de perceber através das aparências; de distinguir o principal do acessório; de vigiar, conscientemente, as várias facetas da realidade; de lançar o olhar onidirecional àquilo que se busca conhecer. Esse rol de qualidades conformará o autêntico cientista, investigador, pesquisador; aquele que tem como objetivo distinguir o essencial do secundário, utilizando, para tanto, a observação sistemática, pautada em hipóteses derivadas de substanciais teorias.

Os textos componentes da publicação denominada *Avaliação: múltiplos olhares em torno da educação*, abordam aspectos distintos da realidade educacional, a saber:

- a qualidade na Educação Infantil sofreu o olhar criterioso de uma docente da UFC, egressa do Núcleo de Avaliação Educacional (NAVE), atualmente Doutora em Educação;
- a Educação Básica sofre o olhar contundente de duas mestrandas em Educação, as quais descrevem algumas das suas dificuldades e carências, não deixando de apontar saídas;
- a avaliação da aprendizagem, no âmbito do Ensino Médio, foi submetida ao olhar resultante de investigação científica levada a cabo por um exemplar egresso do Núcleo de Avaliação Educacional (NAVE), agora mestre em Educação;
- uma retrospectiva histórica da Educação Superior no Brasil foi temática abordada pelos olhos atentos de um par de discentes do doutorado em Educação;
- os desafios e as perspectivas para a Educação Superior no Brasil foram assuntos alvejados pelos olhares críticos de dois discentes do NAVE, um deles sendo ainda graduanda em Pedagogia;
- a proposta do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) foi analisada pelos atentos olhares de quatro docentes universitários, sendo três deles alunos de pós-graduação do NAVE;
- os desafios, as necessidades e as conseqüências da atuação das Comissões Próprias de Avaliação (CPA's) foram objeto de reflexão do olhar analítico de um docente universitário, presidente de CPA;



- a necessidade e a relevância da organização de indicadores institucionais foi tema analisado por um par de olhos de um docente universitário;
- finalmente, o fenômeno da evasão discente nos cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC) foi estudado por três pares de olhos, de um docente universitário e de discentes de graduação em Pedagogia.

Faz-se mister destacar, nesse momento: a visão é o principal canal por onde *caminham* as sensações até sua chegada ao cérebro ou intelecto. Nesse sentido, Aristóteles cunhou uma de suas pérolas ao afirmar: *nihil est intellectu quod prius non fuerit in sensu* (nada está no intelecto que não tenha estado antes nos sentidos). Sendo assim, a visão, quando utilizada cuidadosa e adequadamente, possibilita ao sujeito cognoscente manter contato amplo e profundo com a realidade da qual é também objeto. Não obstante, é limitada, a visão! Vê-se afetada pela acuidade visual do observador, bem como pela capacidade do mesmo em transformar o ato de ver numa ação consciente: o olhar.

Ah, um comentário adicional acerca da atividade de buscar conhecimento científico: constitui-se em aventura fascinante, porém arriscada e cheia de perigos. Conforme relata o mito, nosso herói perdeu, literalmente, a cabeça, que lhe foi cortada por Hermes, filho e mensageiro do todo poderoso Zeus, após tê-lo induzido ao sono, tocando-lhe linda melodia numa flauta de Pan. A trágica morte de Argos Panoptes nos possibilita, como aprendizes de cientistas, extrair importante lição para o exercício da investigação sistemática: “o cientista deve estar sempre vigilante, pois qualquer desatenção<sup>3</sup> pode ser fatal ao êxito da empreitada humana de obter conhecimento válido”.

<sup>3</sup> Em 1754 o escritor e político inglês Horace Walpole (1717–1797) cunhou o termo *serendipity* para exprimir descobertas feitas ao acaso. A palavra vem de *Serendip*, nome antigo do Ceilão, atual Sri Lanka, e baseia-se em um conto oriental no qual três príncipes de Serendip, ao excursionarem pela ilha, fizeram importantes e inesperadas descobertas. Para aprofundar, ver os livros *Sementes da descoberta científica*, de Beveridge, W. I. B. (São Paulo, EDUSP, 1981) e *Eureka!*, de Horvitz, L. A. (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003). Em suma: o *Princípio da Serendipidade* apregoa que o estado de máxima atenção do sujeito cognoscente poderá proporcionar-lhe novos conhecimentos, ainda que os mesmos resultem do acaso.

Para finalizar, cabe ser mencionada ilustrativa frase, pronunciada por Paul Anthony Samuelson, professor de Economia no *Massachusetts Institute of Technology (MIT)*, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1970, que sintetiza as aventuras do gênero humano, muitas vezes penosas e inglórias, na sua eterna busca pelo conhecimento científico: “de funeral em funeral a ciência avança”.

Fortaleza, 8 de abril de 2005

Prof. Dr. Wagner Bandeira Andriola

Coordenador do NAVE